

NOTA DE PESQUISA

NOVOS BRASILIANISTAS; Temas de história do Brasil na historiografia norte-americana recente.¹

Cláudio DeNipoti
André Luiz Joaquinho

Há uma imagem que é recorrente aos brasileiros em geral: a de que o mundo nada sabe sobre o Brasil e sua verdadeira face. Isto remete a um sentimento ambíguo: se, entre si, os habitantes insistem em apontar os defeitos, problemas, celeumas, traumas e conflitos de todos os tipos, eles não aceitam com muita naturalidade quando esses problemas são apontados por outrem, especialmente de nacionalidade e língua estrangeiras, sob o argumento de que tais pessoas não têm uma compreensão completa daquilo que é o Brasil. Por outro lado, e paradoxalmente, a imagem do Brasil-lá-fora (ou do Brasil-fora-de-si) é uma questão que tem ocupado as mentes e o tempo de governantes, burocratas, intelectuais e uma parcela da população há pelo menos uma centena de anos.

Sintomas disso são sentidos no âmbito da profissão histórica, quando os acadêmicos brasileiros, embora denotando respeito aos intelectuais em particular, atribuem um tom pejorativo ou, no mínimo, depreciativo, ao termo “brasilianistas”, que se aplica aos profissionais da história do Brasil que não são nativos.

Não obstante, a historiografia brasileira tem sido beneficiada, de diversas maneiras, por estudos realizados por profissionais não brasileiros, seja pela abertura de novas frentes de pesquisa, seja pelo acesso a documentos mantidos em arquivos estrangeiros. Nomes como Frederic Mauro, Warren Dean e Stuart Schwartz, entre outros, são bastante conhecidos no Brasil, e demonstram essas perspectivas.

¹ Este texto é resultado do projeto de pesquisa *Por uma concepção de história? Transformações na historiografia*.

Mais recentemente, porém, os brasilianistas mais conhecidos, principalmente aqueles que atuaram sob a égide das teorias centro-periferia, perderam terreno para historiadores cuja concepção de história foi gestada na crise contemporânea dos modelos explicativos, ou seja, na perspectiva do “fim das explicações abrangentes do processo histórico a partir de um paradigma único” (postura esta aliás mais comum à historiografia brasileira dos anos 1960-70 do que aos brasilianistas do mesmo período).²

Centrando o foco em textos mais recentes sobre o Brasil, e mantendo em mente que os trabalhos vistos aqui são parte de uma produção mais vasta no campo historiográfico, em constante diálogo com especialistas na história nacional de outros países da América Latina, procuramos trazer uma notícia historiográfica sobre exemplos dessa produção.

Os percursos seguidos pela historiografia em suas vertentes de história das idéias, história intelectual ou história cultural, trouxeram uma nova gama de trabalhos historiográficos sobre o Brasil, publicados primordialmente no exterior (de forma marcante, nos Estados Unidos), que são ignorados pelo campo profissional brasileiro.

Podemos visualizar parte desta historiografia em resenhas publicadas em periódicos especializados, como o *Journal of Social History* (JSH), ou o *Canadian Journal of History* (CJH), entre diversos outros. Essas resenhas nos fornecem pistas para as obras publicadas sobre o Brasil no exterior ao mesmo tempo que avaliam essas obras face a opções metodológicas e quadros teóricos. Podemos citar, como exemplo, a resenha que Jeffrey Needell faz do livro de Kim Butler sobre as populações de libertos em São Paulo e Salvador, no JSH em seu número da primavera de 2000, ou a resenha de George Reid Andrews sobre o livro de Teresa A. Meade sobre a urbanização do Rio de Janeiro, também no JSH. Outra fonte para apreendermos um pouco dessa produção são as listas de discussão especializadas na rede mundial de computadores. Aqui, com menores restrições materiais peculiares às publicações em papel, encontramos um grande número de resenhas e/ou notícias sobre publicações como as que estamos analisando aqui.³

A intenção deste artigo é apresentarmos, unicamente como exemplos da recente historiografia norte-americana sobre o Brasil, alguns trabalhos, em sua maioria inéditos em português, que fornecem um pouco mais do olhar “do outro” na historiografia.

² Ver, MOURA, 1995, p. 52

³ Ver, por exemplo, as listas de discussão da H-Net (<http://www.h-net.msu.edu>).

Embora a produção seja extremamente diversificada, algumas categorias se destacam. A preocupação ecológica é uma delas, com diversos livros voltados para as questões correlacionadas da ocupação da terra, urbanização, etc. (como a obra de Browder e Godfrey sobre a urbanização na Amazônia brasileira e a de Alston, Libecap, e Mueller, sobre reforma agrária e direitos de propriedade nas fronteiras amazônicas do Brasil, por exemplo). Há também um grande número de obras que privilegiam as tendências contemporâneas na historiografia, como as questões de gênero ou a cultura popular. Neste trabalho, veremos algumas obras desse cunho, como o livro de Hendrick Kraay quanto à cultura popular. Há, finalmente, os trabalhos voltados para questões sociais (na acepção original da história social) como o estudo de Brian Owensby, visto abaixo, ou o trabalho de Pereira sobre os movimentos de trabalhadores rurais no nordeste do Brasil de 1961 a 1988.

Veremos aqui estudos preocupados com a definição de identidades e a pluralidade cultural na história do Brasil, quais sejam, *Negotiating National Identity* de Jeffrey Lesser; *Intimate Ironies*, de Brian Owensby e *Afro-Brazilian culture and politics*, organizado por Hendrick Kraay. As obras foram escolhidas essencialmente devido a sua atualidade temática, mas não são, de forma alguma, as únicas, nem são representativas de todas as vertentes de análise sendo executadas na prática historiográfica.

Em busca de uma identidade

Do que somos feitos? O que temperou as nossas almas? Do que e como é feita a Nação? Questões difíceis para os brasileiros.

Pela literatura produzida acerca da identidade nacional, pouco pudemos responder, ou se isso foi feito, nada que estabelecesse categoricamente a alma brasileira.

No entanto, apesar das nossas dúvidas, alguns pontos podem ser especificados. O primeiro diz respeito ao mito do “cadinho das raças”; o segundo, diretamente ligado ao primeiro, trata do nosso não-preconceito racial.

Esses dois aspectos foram muito discutidos ao longo do século XX. Aparecem numa primeira geração de intelectuais ligados à elite republicana na passagem do século e tornaram-se assuntos principais, quando se trata da identidade nacional.

Mas a emergência desses aspectos nos debates sobre a nossa formação não o foi, simplesmente, devido a questões ideológicas, isto é, trata-se do imaginário social acerca de nós mesmos. Podemos dizer que,

apesar de esses aspectos estarem ligados à elite, tornaram-se uma das formas da população se auto-referenciar. Se, em um primeiro momento, essas formulações têm um caráter ideológico, em outro (difícil de precisar historicamente), elas são apropriadas e passam a fazer parte da mentalidade popular.

De qualquer maneira, esses aspectos são estimulados a partir da abolição da escravatura e com a vinda de imigrantes. Daí as preocupações sobre a alma e a identidade brasileiras.

A noção de sociedade multirracial passa a fazer parte do que imaginamos sobre nós mesmos, e muito tem-se escrito sobre isso, tornando-se também uma preocupação de pesquisadores estrangeiros, pois até que ponto construímos uma sociedade de tal tipo e livre de preconceitos?

Essa questão transparece no livro *Negotiating National Identity*, de Jeffrey Lesser, professor associado de História do Connecticut College e publicado pela Duke University Press em 1999.

A principal preocupação do autor é de analisar a questão étnica e de integração de imigrantes vindos do Oriente Médio, Japão, China e Norte da África que, de um lado, lutaram pela sua aceitação na sociedade brasileira, mantendo as suas ligações com as suas origens e, de outro, sofreram discriminações por parte de alguns setores da nossa sociedade, principalmente da elite e do governo que, muitas vezes, tinham posturas contraditórias com relação a essas etnias.

Logo no primeiro capítulo, o autor revela a sua visão das nossas relações raciais. Enquanto a elite se quer branca e europeizada (discurso marcado desde finais do século XIX), Jeffrey Lesser assiste a uma caótica mistura no Bom Retiro: hebreus, coreanos, árabes, japoneses cantam música sertaneja. Almoçam juntos, estudam juntos, numa clara indefinição, à primeira vista, em relação às suas origens. Seus descendentes afirmam serem brasileiros. Mas como isso foi possível?

Retomando as discussões acerca da composição racial do Brasil feitas a partir do último quarto do século XIX, o autor traça a trajetória de grupos imigrantes, especialmente de japoneses e árabes (de várias regiões).

As lutas estabelecidas por essas etnias para serem aceitas pela sociedade brasileira, especialmente por parte da elite que as considera não-brancas, são retomadas pelo autor. Aqui está o especial interesse pela leitura.

Desde meados do século XIX, a elite brasileira utilizou-se de noções estreitamente ligadas às concepções raciais (e racistas) européias e, a partir destas, tentou-se estabelecer que a nação, para progredir, deveria se

tornar branca. Assim, a política de imigração inicialmente esteve ligada a este desejo da elite de “europeizar” o Brasil. No entanto a lógica do mercado, o desejo de afastar os negros da vida política e econômica e a diminuição dos fluxos imigratórios por vários motivos (Grande Guerra, a desilusão com o “paraíso tropical”, por exemplo), pressionaram os fazendeiros a procurar imigrantes fora da Europa.

O autor nos apresenta os debates acerca desses imigrantes e como essas etnias, aproveitando-se do debate, colocam-se como brancos, portanto, aceitáveis. É o caso dos sírios, dos libaneses e dos japoneses. Nas suas lutas pela aceitação, acabam por participar da construção de uma identidade nacional ou, pelo menos, do mito da integração racial.

É preciosa a análise dessa postura, pois nos apresenta as formas pelas quais grupos minoritários utilizaram os discursos da elite em seu proveito, mas reafirmam as posições dessa mesma elite, ao restringir os conflitos raciais à bipolaridade entre brancos e negros.

É evidente que o autor não responde às questões iniciais, mas colabora efetivamente para que possamos compreender-nos um pouco mais. No entanto, é interessante o olhar estrangeiro sobre nós, pois, na realidade, as preocupações do autor com relação à nossa formação racial são aquelas que os norte-americanos têm para si mesmos, isto é, sobre a sua própria formação racial. Apesar de terem um processo racial parecido, as elites dos Estados Unidos, impuseram o *apartheid* social, que, nos últimos anos, tornou-se candente através das lutas das minorias raciais para serem aceitas. Desse modo, torna-se compreensível o olhar do pesquisador sobre a nossa realidade social, a sua explicação é a tentativa de responder aos anseios e temores que a sua própria sociedade vive, ou melhor, a leitura do texto de Jeffrey Lesser pode, nas entrelinhas, relevar-nos as preocupações sobre a sociedade americana e, ao mesmo tempo, dar mais algumas pistas sobre a nossa.

A classe média faz a história

A historiografia brasileira, particularmente aquela da década de 1980, preocupou-se enormemente com a Revolução de 30 como um dos principais marcos da História do Brasil, seja considerando esta como uma revolução “burguesa”, ou como um momento de invenção ou supressão de outras possibilidades históricas. Não obstante, a principal preocupação relacionava-se com conflitos de classe entre oligarquia - ou política oligárquica - e classe operária, ou organizações da classe operária. Em ter-

mos analíticos, a classe média brasileira foi tradicionalmente considerada como marionete da oligarquia ou como sem influência ou força políticas.

O livro *Intimate ironies; modernity and the making of middle class lives in Brazil*, de Brian Owensby apresenta uma abordagem renovada sobre esse período (bem como sobre as décadas anteriores e posteriores à de 1930) preenchendo um vazio historiográfico sobre um tema que é, em si próprio, central em qualquer debate sobre a história recente do Brasil.

O objetivo do autor, de “enriquecer a história política e social da América Latina à luz da classe média” é apoiado pelo confronto entre o reconhecimento dessa importância e a falta de pesquisa empírica e trabalhos analíticos sobre “a política, a experiência social, a cultura e os valores de pessoas da classe média”.⁴

Definindo *uma* classe média composta por famílias lideradas por “profissionais e empregados do comércio com educação formal”, ao mesmo tempo que a define como “um espírito orientado a uma arena socioeconômica dinâmica”⁵, Owensby utiliza-se de um amplo conjunto de fontes, desde “romances até ensaios políticos, manuais domésticos e publicações do comércio”⁶ entre outros, para recuperar a experiência histórica de homens e mulheres da classe média no Brasil. Ele faz isso focalizando suas análises em algumas questões fundamentais para a definição da classe média brasileira: a substituição do patronato pela meritocracia; a adoção do populismo como forma de esconder a luta de classes da vida cotidiana; a definição - e o conseqüente distanciamento - da política como o principal palco da corrupção, etc.

Estes temas são apresentados em oito capítulos, definidos de forma clara, que auxiliam o leitor a compreender processos históricos bastante complexos, como, por exemplo, a definição de classe dada pela educação formal (o diploma universitário servindo como delimitador para a “classe média”); o apoio político ao populismo, à democracia ou à ditadura, conforme as diferentes conjunturas; a definição de uma sensibilidade baseada em valores morais e religiosos; e a tentativa de suprimir a luta de classes eliminando-se a própria classe operária, “não pela repressão, como as elites há muito desejavam, mas através de um despertar espiritual, da cooperação e da mobilidade social ascendente”.⁷

⁴ OWENSBY, 1999, p.7.

⁵ *Idem*, p. 9.

⁶ *Idem*, p. 239.

⁷ *Idem*, p. 227.

O livro retrata as tentativas feitas pelos estratos médios da sociedade brasileira durante a primeira metade do século XX para diferenciá-los, tanto dos trabalhadores manuais, que não poderiam igualar o “trabalho mental” dos empregados de colarinho branco, quanto da oligarquia, impregnada pela corrupção e apadrinhamento, opostos à virtude moral e ao mérito. Suas diversas estratégias para isso são descritas em termos de sua própria modernidade, ou, como o autor enuncia, o “conservadorismo dinâmico da modernidade, uma perspectiva enraizada em relutantes afinidades de classe e energizada pela maior força política em sociedades em ritmo de rápidas mudanças: o senso difuso de que a boa vida, ou pelo menos uma vida consideravelmente melhor que a maioria, protege-se melhor e avança mais através do esforço pessoal no trabalho e em casa”.⁸

Intimate matters atinge o objetivo apontado por Owensby de contribuir com a historiografia latino-americana ao oferecer uma visão diferenciada do período bastante influenciado por Getúlio Vargas e seus vários processos políticos, como por exemplo, o Integralismo, que emerge das páginas do livro não somente como um movimento fascista, mas como algo peculiar àquela época e àquele lugar, com conexões com o nazismo e o fascismo. Tais peculiaridades, tratadas como desenvolvimentos históricos, contribuem para tornar o trabalho de Owensby merecedor de atenção. Ainda que esta breve nota sobre as muitas idéias e processos históricos apresentados por Owensby possa apresentar somente um retrato parcial, o livro é uma contribuição excelente e bem vinda ao debate histórico sobre as sociedades latino-americanas modernas, indicando um bom número de caminhos para mais pesquisa e debate.

Culturas polifônicas

Correndo o risco de parecer simplista, se pudéssemos usar uma única palavra para resumir os ensaios do livro organizado por Hendrick Kraay, *Afro-Brazilian Culture and politics*, esta palavra seria “dualidade”, pois o livro é construído sobre uma série de oposições duais, frequentemente intercaladas ou interrelacionadas: escravos e livres, livres e libertos; negros e brancos, pobres e ricos, brasileiros e africanos, história e antropologia, folclore e cultura, etc.

O livro pertence a uma coleção (*Latin American Reality*) cujo objetivo é apresentar “aspectos da vida normalmente não cobertos pelas

⁸ *Idem*, p. 241.

histórias padrão”⁹, totalmente atingido neste volume, que apresenta aspectos diversos da cultura popular no estado da Bahia, em um período de duzentos anos – razoavelmente longo, se consideramos a duração total da história do Brasil em sua relação com a civilização ocidental.

O livro reúne artigos de Hendrik Kraay (a *Introduction* e *The politics of Race in Independence-Era Bahia: the black militia Officers of Salvador 1790-1840*); Dale T. Graden (“*So much superstition among these people!*” *Candomblé and the dilemmas of Afro-Bahian intellectuals 1864-1871*); Fayette Wimberly (*The expansion of Afro-Bahian religious practices in Nineteenth-Century Cachoeira*); Mary Ann Mahony (*Afro-Brazilians, land reform, and the question of social mobility in Southern Bahia, 1880-1920*); Jocélio Teles dos Santos (*A mixed-race nation: Afro-Brazilians and cultural policy in Bahia, 1970-1990*); Michel Agier (*Between affliction and politics: a case study of Bahian Candomblé*), além de um prefácio de Robert Levine e um posfácio de Kim Butler.

Os artigos relacionam-se com as pesquisas dos autores sobre diferentes aspectos do tópico principal (cultura e política afro-brasileiras) e trazem ao leitor as compreensões mais recentes daquilo que historiadores e antropólogos gostam de chamar de “antropologia histórica”. Esta forma de escrita da história tende a centrar sua atenção em aspectos culturais do passado, utilizando-se de um amplo espectro de fontes históricas e evidência etnológica.

A natureza afro-brasileira (ou melhor, afro-baiana) do livro refere-se às táticas e estratégias que os baianos de origem africana desenvolveram ao longo do tempo para lidar com a discriminação racial e social, tanto com relação à elite branca, quanto entre si mesmos, à medida que eles segregavam-se em termos de serem africanos ou brasileiros.

Neste ponto, a dualidade expressa-se em termos raciais, políticos, econômicos e culturais. Os ensaios que lidam mais de perto com processos históricos da cultura (os de Kray, Graden e Winberly) colocam a oposição em diversos níveis, mostrando mais claramente estas estratégias e táticas, à medida que os afro-baianos são, por sua vez, retratados como um grupo que busca uma democracia racial utópica, ou – alguns deles – como pessoas que adotam os valores da elite com relação ao conceito de “civilização”, atacando assim traços culturais que pudessem ser identificados como africanos (como o candomblé, por exemplo, descrito por tais pessoas como pura superstição).

⁹ KRAAY, 1998, p. xi.

A talentosa combinação de pesquisa (tanto histórica como etnográfica) e narrativa fluente, traz à vida aspectos culturais que foram forjados nos conflitos entre visões de mundo, projetos civilizacionais e cosmologias. Os afro-baianos emergem como um grupo adaptável, que conseguiu manter sua originalidade africana e, eventualmente, conseguiu trazer esta originalidade para o centro da mudança política, utilizando-se daquilo que a americana Kim Butler expressa comparativamente como “ginga”, emprestando o termo da capoeira, e descrevendo seu movimento básico, “que balança e prende a atenção dos adversários enquanto se prepara para pular para a ação ofensiva ou defensiva, conforme sua avaliação da posição do outro”.¹⁰

Em geral, o livro é uma boa surpresa no campo específico da história cultural brasileira, que é, apesar dos diversos trabalhos existentes, dentro e fora do país, um campo razoavelmente novo de estudos. O livro não pode ser pensado como uma introdução ao tema, do mesmo modo que ele não esgota o assunto, pois a maior qualidade da obra é também seu maior defeito. Ele faz o leitor querer ler mais, em particular, com relação a questões e eventos mencionados *en passant* em alguns dos capítulos – a título de exemplo, a revolta islâmica de 1835 ou como os fenômenos culturais sob análise desenvolveram-se durante o Estado Novo.

Os exemplos apresentados aqui ilustram uma produção historiográfica que, em geral, não se filia às questões próprias da tradição acadêmica brasileira e às vertentes historiográficas solidificadas em torno dessa tradição. Seja como imagem de uma nação em permanente construção, ou como um mosaico cultural cuja alteridade é focalizada, a história do Brasil escrita por brasilianistas é uma agradável contribuição ao debate historiográfico no Brasil e fora dele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALSTON, Lee J., LIBECAP, Gary D., & MUELLER, Bernardo. **Titles, Conflict and Land Use: The Development of Property Rights and Land Reform on the Brazilian Frontier**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1999. 227 pp.

BROWDER, John D. and GODFREY, Brian J. **Rainforest Cities: Urbanization, Development and Globalization of the Brazilian Amazon**. New York: Columbia University Press, 1997. 429 pp.

¹⁰ KRAAY, 1998, p. 160.

- BUTLER, Kim. **Freedoms given, freedoms won**; Afro-Brazilians in post-Abolition; São Paulo and Salvador. New Brunswick: Rutgers University Press, 1998, 285pp.
- JOHNSEN, D. Bruce. **Titles, Conflict and Land Use**: The Development of Property Rights and Land Reform on the Brazilian Frontier, by Lee J. Alston, Gary D. Libecap, e Bernardo Mueller, <http://www2.h-net.msu.edu/reviews> , July, 2000.
- KRAAY, Hendrick, org. **Afro-Brazilian culture and politics** - Bahia, 1790s to 1990s. Armonk, NY, M. E. Sharpe, 1998, xiv, 208 pp.
- LESSER, Jeffrey. **Negotiating national identities**. London: Duke University Press, 281 pp. 1999.
- McCOOK Stuart, **Rainforest Cities**: Urbanization, Development and Globalization of the Brazilian Amazon, by John D. BROWDER and Brian J. GODFREY. <http://www2.h-net.msu.edu/~latam> , February, 1998.
- MEADE, Teresa A. **Civilizing Rio**; Reform and resistance in a Brazilian city, 1889-1930. Pennsylvania: Pennsylvania University Press, 1997, 212 pp.
- MOURA, Gerson. **História de uma história**; rumos da historiografia norte-americana no século XX. São Paulo: Edusp, 1995.
- NEEDEL, Jeffrey D. Freedoms given, freedoms won; Afro-Brazilians in post-Abolition; São Paulo and Salvador. By Kim Butler. **Journal of Social History**, 33 (3), Spring, 2000, p. 728-730.
- OWENSBY, Brian P. **Intimate ironies**; modernity and the making of middle class lives in Brazil. Stanford, Stanford University Press, 1999. xv, 334 pp.
- PEREIRA, Anthony W. **The End of the Peasantry**: The Rural Labor movement in Northeast Brazil, 1961-1988. Pitt Latin American Series. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1997. 232 pp.
- JORDAN, Thomas. **The End of the Peasantry**: The Rural Labor movement in Northeast Brazil, 1961-1988 by Anthony W. Pereira. <http://www2.h-net.msu.edu/~latam>, November, 1998.

RESUMO

A historiografia brasileira recebe freqüentes contribuições de historiadores não-brasileiros, chamados, por força de ofício, de brasilianistas. Este artigo procura trazer ao público de historiadores brasileiros uma notícia sobre produções brasilianistas recentes

Palavras-chave: História do Brasil; Brazilianistas; Sociedade brasileira

ABSTRACT

Brazilian historiography is frequently enriched by non-Brazilian historians, called brazilianists due to their field of study. This article tries to inform Brazilian historians on recent productions by these professionals.

Key-words: Brazil's History; Brazilianists, Brazilian society.

